

ANÁLISE DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA PERSONAGEM *HAMLET* DA PEÇA HOMÔNIMA DE WILLIAM SHAKESPEARE

ANALYSIS OF SOME CHARACTERISTICS OF THE CHARACTER *HAMLET* FROM THE HOMONYMOUS PLAY BY WILLIAM SHAKESPEARE

Valdomiro Polidório¹

polidorio@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a análise de algumas características da personagem *Hamlet* da tragédia homônima de William Shakespeare. O herói, em *Hamlet*, tem responsabilidade sobre seus atos. O erro trágico (*hamartia*) do herói o faz cair, porque ele tem orgulho excessivo (*hybris*), e isso ocorre em *Hamlet*. Trataremos sobre o poder de verossimilhança das tragédias shakespearianas no que diz respeito às características da natureza humana. Em *Hamlet*, percebemos essas características por intermédio do assassinato, da traição, da vingança, do ódio e do amor presentes na obra. Todos esses sentimentos, que dão ação à tragédia, são inerentes à natureza humana. *Hamlet* é uma personagem complexa, devido as suas reflexões constantes durante a peça. Desse modo, analisaremos excertos de alguns solilóquios da personagem, os quais dão essência à peça. A genialidade de Shakespeare aparece nesses solilóquios, pois eles estão carregados de filosofia. Isso significa dizer, carregados de reflexões sobre aspectos da vida, confirmando, dessa maneira, características de verossimilhança da peça.

Palavras-chave: *Hamlet*; análise; características; vingança; tragédia.

Abstract: This study has as the aim the analysis of some characteristics of the character *Hamlet* of the homonymous play by William Shakespeare. The hero in *Hamlet* is responsible for his acts. The tragic flaw (*hamartia*) of the hero makes him fall, this occurs because he has excessive proud (*hybris*). This is what occurs with *Hamlet*. We will talk about the power of verisimilitude of the Shakespearean tragedies relating to the characteristics of the human nature. In *Hamlet* we realize these characteristics through the murder, the betrayal, vengeance, hate and love present in the literary composition. All these feelings that give action to the tragedy are inherent to the human nature. *Hamlet* is a complex character because of his constant reflections in the play. Thus, we will analyze passages of some soliloquies of the character, which give essence to the play. Shakespeare's creative genius appears in these soliloquies, because they are full of philosophy. This means to say, full of reflections about aspects of life, presenting thus characteristics of verisimilitude of the play.

Key words: *Hamlet*; analysis; characteristics; vengeance; tragedy.

¹ Professor de Literaturas de Língua Inglesa da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel.

1 Introdução

Este trabalho tem como objetivo a análise da personagem *Hamlet* da tragédia homônima de William Shakespeare. O herói, em *Hamlet*, tem responsabilidade sobre seus atos. O erro trágico (*hamartía*) do herói o faz cair, porque ele tem orgulho excessivo (*hybris*). Segundo Heliadora (1998, p. 93), “a tragédia apresenta um processo de conscientização de um indivíduo, tanto em relação a si mesmo quanto em relação ao universo em que existe, atingido por intermédio de uma vivência dolorosa que o compele à reavaliação e o conduz à morte.” No caso da personagem *Hamlet*, a conscientização ocorre quando ele realmente comprova que *Cláudio* assassinara seu pai, o rei.

As tragédias shakespearianas possuem um grande poder de verossimilhança. Em *Hamlet*, percebemos isso por intermédio do regicídio, da traição, da vingança, do ódio, do amor etc. presentes na obra. Todos esses sentimentos que dão ação à tragédia são inerentes à natureza humana. De acordo com Bradley (1905), ao escrever tragédias, Shakespeare realmente representou certo aspecto da vida. O autor ainda afirma que mediante análise das obras de Shakespeare, nós devemos ser capazes de descrever esse aspecto. *Hamlet* é uma tragédia de vingança, que respeita todas as características da tragédia de vingança elisabetana. Essas características são:

1ª) vingança é a principal ação da peça, temos que ver o que a provoca, como ela é planejada e sua execução; 2ª) a vingança é a causa da catástrofe: não pode aparecer depois da crise, tem de ser parte dela; 3ª) normalmente mostra fantasma(s) exigindo vingança; 4ª) há hesitação na execução da vingança; 5ª) há demora na execução, que não é repentina mas, sim, longamente planejada; 6ª) aparecem elementos de loucura real ou fingida e 7ª) a contra-intriga do antagonista é forte, bem armada e recebe considerável ênfase. (HELIODORA, 1998, p. 103).

Hamlet é uma personagem complexa devido as suas frequentes reflexões durante a peça. A ação que encontramos em *Macbeth*, por exemplo, é substituída constantemente pelas reflexões do herói trágico. Desse modo, analisaremos excertos de alguns solilóquios da personagem, os quais dão essência à peça. A genialidade de Shakespeare aparece nesses solilóquios, pois eles estão carregados de filosofia. Isso significa dizer, carregados de reflexões sobre aspectos da vida, confirmando, dessa maneira, características de verossimilhança da peça.

2 Uma análise da personagem *Hamlet*

Já no início da peça, temos o contato com o aspecto geográfico, o qual é muito importante nas obras shakespearianas. A tragédia se passa na Dinamarca, um país onde faz muito frio: “Francisco – Está fazendo um frio cruel e sinto o coração transido”. (Ato I, Cena I). A simbologia do frio é justamente a sua relação com a atmosfera da tragédia. O frio representa a tristeza pela morte de um rei valoroso e também prepara o terreno para todo o conflito que ocorrerá na peça. A hora da noite também deve ser analisada, pois meia-noite é a hora propícia para a aparição de fantasmas, que podem ser demônios que podem enganar e roubar a alma daqueles que acreditarem neles: “Bernardo – Acaba de bater meia-noite”. (Ato I, Cena I).

Hamlet sofre de maneira intensa desde o início da tragédia. Ele não disfarça a tristeza. Shakespeare trata a temática aparência x realidade em várias peças. Em *Hamlet* não é diferente - vamos discorrer sobre isso mais adiante - porém, no início da peça, ele faz questão de demonstrar todo o sofrimento com a perda do pai e com o casamento da mãe com *Cláudio*.

Rainha: Sendo assim, por que parece que te afeta de modo tão particular?
Hamlet – Parece, minha senhora? Não: é! Não sei “parecer! Não é somente o meu negro manto, bondosa mãe, nem meus costumeiros trajes de luto, nem os vaporosos suspiros de um peito ofegante, não, nem o caudal transbordante dos olhos, nem a expressão abatida do semblante, junto com todas as formas, modos e exteriores de dor, que podem justificar o meu estado de ânimo! Realmente, tudo isso é aparência, pois são ações que podem ser representadas pelo homem; porém, o que dentro de mim sinto, supera todas as exterioridades que nada mais são que os atavios e as galas da dor! (Ato I, Cena I).

Em outro excerto da peça, vemos *Hamlet* se referindo à falsidade de *Cláudio*: “Hamlet – [...] É conveniente lá anotar que é possível sorrir, sorrir e ser velhaco!” (Ato I, Cena V). O maior exemplo de aparência e realidade é uma das frases mais citadas na peça: “Hamlet – [...] Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que pode sonhar tua filosofia”. (Ato I, Cena V).

As imagens em *Hamlet* são emblemáticas, como a da podridão, e ajudam a criar a atmosfera deprimente que envolve o príncipe. O clima propício, então, para a aparição do espectro do rei *Hamlet* inclui o frio cortante, a escuridão e a podridão. O “algo de podre no reino da Dinamarca” aparece já no início da tragédia, fazendo com que o leitor ou espectador sinta que a tragédia o envolverá em um clima depressivo. Para Spurgeon (2006), em *Hamlet* temos o cheiro que repele, o cheiro da podridão, que representa a corrupção. Constatamos isso em várias passagens da peça, mas nada é mais significativo do que a famosa frase: “Marcelo –

Há algo de podre no reino da Dinamarca”. (Ato I, Cena IV). A podridão que simboliza toda a corrupção no reino da Dinamarca pode ser percebida em mais este trecho da peça: “Hamlet – Sim, senhor. Ser honrado, de acordo com os tempos que correm, equivale a ser escolhido um dentre dez mil.” (Ato II, Cena II). A honra está manchada pela corrupção.

Hamlet assume a responsabilidade de vingar o assassinato do pai. Ele carrega o peso do mundo em seus ombros. Isso é extremamente relevante para a construção dessa personagem tão apaixonante criada por Shakespeare e que nos dá um exemplo de todo o poder criativo do grande bardo da literatura universal: “Hamlet – [...] O mundo está fora dos eixos. Oh! Maldita sorte!... Por que nasci para colocá-lo em ordem! [...]”. (Ato I, Cena V).

Quando o espectro do pai de *Hamlet* diz que fora assassinado, parece que *Hamlet* o vingará rapidamente, pois fala: “Hamlet – Conta-me logo, para que eu, com asas tão velozes quanto a fantasia ou pensamentos de amor, possa voar em direção de minha vingança!” (Ato I, Cena V). Porém a ciência do assassinato impede a ação de *Hamlet*, ou seja, com o conhecimento do assassinato do pai, ele sufoca a ação da vingança. Segundo Nietzsche, “O conhecimento mata a ação, à ação pertence a miragem da ilusão – e este é o ensinamento de Hamlet; [...]”. (2007, p. 61). Ele sofre por não poder realizar o ato da vingança, pois precisa esperar o momento oportuno, momento que se refere não ao espaço físico ou temporal, mas à confirmação de que *Cláudio* realmente assassinara seu pai. O conhecimento também o faz sofrer.

Nietzsche ainda afirma que “[...] é o verdadeiro conhecimento, a visão da verdade, que aniquila todo ímpeto, todo motivo para agir, em Hamlet [...]”. (2007, p. 61). O homem, na peça *Hamlet*, aparece universalizado. Ele está no centro do palco, ele se agita em uma tentativa de sobrevivência, de permanência da sua humanidade. Uma humanidade que tenta deixá-lo, pois ele carrega o peso do mundo, o peso da vingança em suas costas.

A quintessência do pó a que se refere *Hamlet* quando descreve o que seria o homem para ele, pode muito bem ser uma definição de muitos de nós e ter uma relação bíblica, pois pode estar relacionada a “do pó veio e ao pó voltará”. *Hamlet* tem a consciência da importância do homem e de que ele possui tarefas na vida, mas que a tarefa que lhe cabe é de extrema responsabilidade, e que talvez, por ser um jovem príncipe, isso seja algo muito maior ainda para ele.

De acordo com Bradley (1999), “[...] if we could subtract from Shakespeare the mind that produced his works, the residue would be the man himself; [...]”. (p. 311). Devemos ainda considerar a possibilidade das inquietações de *Hamlet* serem as do próprio Shakespeare.

Quando imergimos nas releituras e análises da obra, corremos o risco de confundir o autor com ela. No caso de *Hamlet*, esse risco é bem maior. “Estou tão longe de esquecer que Hamlet foi uma invenção de do espírito de Shakespeare, que irei mesmo ao ponto de considerar a relação existente entre essa sua criação imaginativa e a personalidade do próprio Shakespeare”. (JONES, 1970, p. 21).

Para Taine (1965), “Hamlet is Shakespeare, and, at the close of this gallery of portraits which have all some features of his own, Shakespeare has painted himself in the most striking of all.” (p. 123). Podemos considerar *Hamlet* como a obra em que Shakespeare tenha mostrado muito do seu ser. Isso somente foi possível a partir das reflexões de *Hamlet* por meio, principalmente, dos solilóquios. Conforme Jones, “[...] expressa o âmago da filosofia e da concepção de vida de Shakespeare, como nenhuma de suas outras obras o conseguiu”. (1970, p. 23).

A compreensão que Shakespeare tinha da natureza humana é impressionante. É o homem abordando, questionando e analisando o próprio homem. Em suma, é o filósofo Shakespeare tentando entender o homem, e nada mais pertinente do que a personagem *Hamlet* como porta-voz desses questionamentos inerentes à natureza humana. Conforme Bradley (1999), Shakespeare foi o ser humano que parece melhor ter entendido a natureza humana.

Shakespeare universalizava suas temáticas. Ele partia do regional e do individual para o universal. Ele era erudito e popular ao mesmo tempo. Essa é uma característica relevante, quando consideramos toda a sua genialidade. Escrevendo dessa maneira, Shakespeare conseguia atingir um público maior, e isso era importante. Ele ganhou muito dinheiro com o teatro.

Considerando que o escritor trata de questões da natureza humana, isso foi e ainda é algo que o eleva mais, pois qualquer leitor pode se identificar com uma obra como *Hamlet*, que aborda sentimentos universais e atemporais. Mas como Shakespeare poderia transmitir toda a angústia de uma alma assombrada, como a de *Hamlet*? A resposta está relacionada ao modo como ele fazia uso dos solilóquios, principalmente em *Hamlet*. Os solilóquios de *Hamlet* são essenciais para dar a essência da peça.

Como Shakespeare escrevia teatro e não usava narradores, ele tinha que empregar os solilóquios para que os espectadores pudessem ter contato com os pensamentos das personagens. A magia do teatro e do mestre está relacionada ao fato de que os atores se comunicam com o público de uma maneira mais direta do que em um romance, por exemplo.

Contudo Shakespeare inovou, usando o solilóquio como modo de transmitir questões sobre a condição humana. De acordo com Kermode,

O solilóquio tem sido objeto de discussões sem fim, porém uma coisa é menos óbvia: Hamlet está relacionando sua situação pessoal a uma visão mais geral da condição humana, o que, penso eu, é um novo uso para o solilóquio – normalmente usado apenas para transmitir informações à platéia – como um meio de encarar de forma mais ampla a condição humana. (2006, p. 168).

E Honan argumenta:

Os solilóquios revelam sua angústia extrema e, o que é importante, não a transforma, mas mantêm à vista o terrível sofrimento e a mente que o suporta. Surpreendentemente, idéias universais tornam-se registros do sofrimento de *Hamlet*, assim como a beleza de sua linguagem é um índice de sua mente. (2001, p. 348).

A verossimilhança em *Hamlet* está ligada às reflexões sobre a vida. Quando Shakespeare se preocupa em refletir sobre a condição humana, ou a natureza humana, e quando ele reflete também sobre o fluxo da vida, e que sempre temos tarefas para realizar, e que a tarefa de *Hamlet*, apesar de ser uma grande tarefa, nada mais é do que as tarefas que temos para cumprir. Para Heliadora, “[...] “Hamlet é uma metáfora da própria vida: a um homem é imposta uma tarefa que ele não buscou, mas da qual tem de se desincumbir, como a todos nós é dada a vida que temos que levar avante”. (1998, p. 100).

Outro ponto importante para analisar em *Hamlet* é a grandiosidade da peça como obra de arte que atinge o extremo do artístico. Shakespeare consegue chegar a um nível jamais alcançado por outro escritor. A peça é longa, o assassinato do *Rei Hamlet* acontece antes do início do texto, por isso Shakespeare tem que preencher o hiato até o final do V ato, quando acontece a vingança. Durante esse intervalo, *Hamlet* toma vida, ele parece ficar independente do grande bardo, ao mesmo tempo em que parece ser Shakespeare. Segundo Honan,

Hamlet é de um nível artístico superior ao de qualquer outra peça anterior a ela; e, na verdade, é possível mesmo que apenas três outras peças posteriores a ela alcancem o mesmo nível singular de qualidade artística: *Rei Lear*, *Macbeth*, e *Othello*. (2001, p. 338-339).

Hamlet é um marcador de águas na dramaturgia shakespeariana. Para Holden (2003, p. 175),

Hamlet é o trampolim de onde salta um Shakespeare bem diferente – mais profundo e multifacetado que aquele dramaturgo apenas talentoso e versátil que conhecemos até então. Assim, ele vai demonstrar as eternas fragilidades do ser humano através das histórias de homens poderosos e de suas falhas mortais.

Hamlet não gosta de *Cláudio*. Essa aversão acontece antes mesmo de ele ter ciência do regicídio cometido por *Cláudio*. O fato de *Hamlet* não gostar de *Cláudio* pode estar

relacionado ao casamento deste com sua mãe. Para Jones (1970), há dois crimes que precisam ser vingados por *Hamlet*: um deles é a relação incestuosa da mãe com *Cláudio* e o outro o assassinato do pai. E Jones continua afirmando que o primeiro crime desperta em *Hamlet* a mais profunda repugnância e o mais intenso horror, enquanto o assassinato do pai provoca a indignação e o óbvio dever de vingá-lo.

Podemos perceber nas citações que seguem a aversão de *Hamlet* por *Cláudio*, como se sente totalmente deserdado, a intenção de cometer suicídio, mesmo antes de saber que o pai fora assassinado; e a famosa fala sobre a fragilidade da mulher, que pode representar a indignação com relação ao casamento de *Gertrudes* com *Cláudio*.

Hamlet – (À parte.) Um pouco mais que parente e menos do que filho. (Ato I, Cena I)

Hamlet – Nada disto, meu senhor, estou completamente ao sol. (Ato I, Cena I)

Hamlet – Oh! Se esta sólida, completamente sólida carne pudesse ser derretida, ser evaporada e dissolvida num orvalho! Por que o Eterno fixou suas leis sobre o suicídio? (Ato I, Cena I)

Hamlet - ... Fragilidade, teu nome é mulher!... (Ato I, Cena I).

Seguindo a mesma linha de análise, vemos que *Hamlet* está mais preocupado com o casamento da mãe do que com o funeral do pai:

Hamlet – [...] Mas o que te pretende em Elsenor? [...]

Horácio – Meu senhor, vim para assistir ao funeral de vosso pai.

Hamlet – Por favor, não zombes de mim, colega. Acho que foi para assistir o casamento de minha mãe.

Horácio – É bem verdade, meu senhor, que este seguiu bem de perto àquele. (Ato I, Cena I).

Consequentemente, observamos que *Hamlet* tem sua complexidade voltada também para isso, ou seja, para o fato de parecer se preocupar mais com o casamento da mãe do que com a morte do pai. Isso pode significar a perda do poder, da proximidade da mãe. A perda da mãe parece ser mais importante do que a perda do pai.

3 Considerações finais

A análise da personagem *Hamlet* proposta neste breve estudo procurou abordar somente alguns aspectos que a caracterizam. A complexidade da personagem requer estudos futuros. Contudo a relevância deste texto está justamente nas reflexões sobre como *Hamlet* pode ser considerado um retrato do próprio homem que carrega dentro de si uma natureza

comum a todos, ou seja, a natureza humana, a qual Shakespeare conhecia muito bem, não somente por fazer parte dela, mas porque era um estudioso do homem e da vida.

Segundo Polidório (2009), Shakespeare era um profundo observador da vida e de tudo que a envolve. Todo grande escritor é um ótimo observador, porém Shakespeare ultrapassa o nível de bom observador por conhecer muito bem o homem. Mas Shakespeare não era um filósofo. Ousamos dizer que ele era mais do que um filósofo, Shakespeare vai além da filosofia, pois aborda questões de psicanálise e de história. No caso da peça *Hamlet*, constatamos que a psicanálise está presente nas reflexões da personagem *Hamlet*.

É nos solilóquios de *Hamlet* que podemos explorar as ricas reflexões sobre o homem e o mundo que o cerca. Entramos então na mente da personagem *Hamlet*. Como não temos um narrador que descreva os pensamentos de *Hamlet*, é através dele mesmo que o conhecemos melhor. O gênero literário drama que Shakespeare desenvolvia era o que mais nos aproxima do homem, justamente devido aos diálogos e solilóquios bem elaborados, coerentes, inteligentes e convincentes.

Quando *Hamlet* tenta nos convencer, ou convencer as outras personagens de sua loucura, usa a linguagem de persuasão, a qual Shakespeare dominava. E quando *Hamlet* faz o uso magistral de solilóquios, podemos perceber o grande domínio que Shakespeare tinha da linguagem. Nesse sentido, é relevante observarmos que seu vocabulário fica em torno de trinta mil palavras e que a maioria de nós usa aproximadamente seis mil. (GIBSON, 1993). A magia do gênero drama está justamente na capacidade do dramaturgo de criar histórias envolventes e, para isso, deve dominar um amplo vocabulário.

Outro aspecto relevante em nosso trabalho foi a abordagem da verossimilhança na peça *Hamlet*. Tentamos relacionar a verossimilhança ao modo como Shakespeare aborda o assassinato, a traição, a vingança, o ódio e o amor na obra. Argumentamos que essas questões são inerentes à natureza humana. As dúvidas de *Hamlet* podem ser as nossas dúvidas, o “ser ou não ser” pode estar relacionado às decisões que temos que tomar no decorrer de nossas próprias vidas.

A peça, como uma tragédia de vingança, também nos faz refletir sobre como, no auge de sua genialidade, Shakespeare consegue desenvolver uma peça longa, com cinco atos, e colocar o ato da vingança somente no final, levando em consideração que o assassinato do pai de *Hamlet* ocorre antes do início da peça.

Esperamos que este breve estudo possa ser útil para novas pesquisas.

Referências

BRADLEY, A. C. **Shakespearean tragedy: lectures on Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth.** London: Macmillan, 1905.

BRADLEY, A. C. **Oxford lectures on poetry.** New Delhi: Mehra Offset Press, 1999.

GIBSON, R. **Macbeth.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HELIODORA, B. **Falando de Shakespeare.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

HOLDEN, A. **William Shakespeare.** Tradução de Beatriz Horta. São Paulo: Ediouro, 2003.

HONAN, P. **Shakespeare: uma vida.** Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JONES, E. **Hamlet e o complexo de Édipo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

KERMODE, F. **A linguagem de Shakespeare.** Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Record, 2006.

NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia.** São Paulo: Escala, 2007.

POLIDÓRIO, V. A representação da natureza humana em Hamlet de William Shakespeare. **Revista Travessias**, 03 (02):1-15, 2009.

SHAKESPEARE, W. **Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Veneza.** São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SPURGEON, C. **A imagística de Shakespeare.** Tradução de Barbara Heliodora. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TAINÉ, H. A. **History of English literature.** Library of Congress, 1965.